AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

BRASIL E O MERCADO MUNDIAL DA CARNE

VOL. 5 – Nº 7 JULHO DE 1981

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO
DE ECONOMIA

GOMES FRADE 25.VII.81 DR-RIO

BRASIL CORREIO Cr$ 009,00

FUNDACAO GETULIO VARGAS - SP
ESCOLA ADMINISTRACAO EMPRESAS
BIBLIOTECA KARL BOEDECKER
AV 9 DE JULHO 2029 - 10. AND
01313 SAO PAULO SP
F116

PERIÓDICOS

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

COORDENADOR
Tito Bruno Bandeira Ryff

QUADRO TÉCNICO E ÁREAS DE INTERESSE

Fatores de Produção; Infraestrutura; Pecuária
Bruno Marcus Rangel Pessanha
Editoração; Arroz; Cevada; Mamona; Comércio Internacional
Fernando Roberto de Freitas Almeida
Cana-de-Açúcar; Mandioca; Álcool; Serviço de Dados Básicos
Francisco Antônio da Fonseca Menezes
Algodão; Fruticultura; Olericultura
Iracema Bouzas Pessoa
Milho; Feijão; Suinocultura; Avicultura; Serviço de Cadastro
Irene Raguenet Troccoli
Oleaginosas; Trigo; Metais Preciosos
Leila Tendrih de Freitas Almeida
Cacau; Café; Fumo; Moeda e Crédito
Régis Norberto da Cunha Alimandro

QUADRO DE APOIO

Diagramação; Composição; Montagem; Arte-Final
Emerson da Silva Martins
Secretária
Jorgina Leite Lemos
Mensageiro
José de Oliveira Melo Júnior
Serviço de Documentação
Maria Eunice Rocha
Datilógrafa
Suely Diniz da Costa
Estagiários
Benjamin Grosskopf
Claudia Rodrigues Campos
Deborah de Almeida Lima

Agroanalysis, v. I – , n. 1 –; 1977 –
Rio de Janeiro, Grupo de Informação Agrícola
v. ilust. 30 cm Mensal (jan. a dez.)

1. Agricultura – Periódicos. I. Grupo de Informação Agrícola
CDU 631 (05)

"Agroanalysis" é uma publicação do Grupo de Informação Agrícola do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, editada com apoio do Banco Central.

Grupo de Informação Agrícola
Av. Gomes Freire, 647 – 10º – ZC-58
Fones: 232-5001, 232-6827, 232-8678 e 232-2548
Telex: 212-3840 FGVE BR
20.000 – Rio de Janeiro – RJ
BRASIL

AGROANALYSIS

FUNDAÇÃO
GETÚLIO VARGAS

Instituto Brasileiro de Economia

ÍNDICE

Páginas

Análise

O Brasil e o Mercado Mundial da Carne. 3

Comentários

Cacau 20

Leite. 21

Soja 25

Panorama Agropecuário

Preços no Mercado Externo. 29

Preços no Mercado Interno . 31

Preços Relativos — Mercado Externo 33

Preços Relativos — Mercado Interno 34

BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
Escola de Administração de
Empresas de São Paulo

NOTA DA EDIÇÃO

O consumo de proteínas de origem animal, no Brasil, é sabidamente baixo. O crescimento da produção de carne bovina, no entanto, não tem evoluído de forma a corrigir esta deficiência. Na década de 70, por exemplo, a expansão da produção obedeceu ao ritmo de 1,2% ao ano, bem inferior à taxa de crescimento populacional.

As causas deste desempenho insatisfatório encontram-se na excessiva flutuação dos preços recebidos pelo produtor, extremamente nociva ao planejamento da atividade, sobretudo, para os segmentos ligados à cria e recria. Essa flutuação vem contribuindo, também, para a substituição da carne bovina por outros tipos de carne na dieta dos consumidores. Entre 1978 e 1980, o consumo aparente de carne bovina caiu de 20,3 kg para 16,3 kg per capita, *ou seja, apresentou uma queda de 20%.*

Da falta de uma política adequada para o setor resulta o paradoxo atual: num país cujo consumo de carne bovina per capita *é notoriamente insatisfatório, estima-se que, no ano de 1981, será possível dispor de um excedente de 300 mil t em equivalente-carcaça para a exportação. Este fato poderia ser brindado como um progresso (desde o começo da década de 70 o Brasil não dispõe de grandes quantidades de carne bovina para exportação) não fosse ele uma decorrência da queda do consumo doméstico.*

Mas a existência mesma de um excedente exportável levou os técnicos do **Grupo de Informação Agrícola** *a investigar a situação do mercado internacional a fim de avaliar as chances de se alcançar a meta de exportar, este ano, US$ 100-120 milhões (18,8 milhões, no ano passado) de carne bovina* in natura *e aproximadamente US$ 500 milhões de carne industrializada (232,6 milhões, em 1980). O texto da*

página 3, de autoria da economista **Irene Raguenet Troccoli** *e do engenheiro-agrônomo* **Ivan Wedekin**, *ressalta as dificuldades em atingir este objetivo, tendo em vista a retração no consumo dos principais países importadores.*

Com efeito, as importações líquidas de carne bovina pelos quatro maiores importadores mundiais (EUA, Canadá, CEE e Japão) crescerão apenas 1,3% em 1981, segundo o USDA. Num mercado fraco, a penetração do produto brasileiro no exterior vai depender, sobretudo, de um deslocamento dos países concorrentes.

Neste número de **"Agroanalysis"** *são examinados, ainda, os mercados de cacau, leite e soja. Fatores de curto prazo contribuíram para uma leve recuperação das cotações do cacau no mercado internacional. Uma elevação mais duradoura dos preços, no entanto, dependerá da futura adesão da CEE e da Costa do Marfim ao Aocrdo assinado no dia 30 de junho último em Genebra.*

A produção de leite, por outro lado, sofre um dilema parecido com o da carne bovina: preços estimulantes para os produtores são incompatíveis com o poder de compra dos consumidores. Desta vez, ao contrário de ocasiões anteriores, o governo parece decidido a manter, contra ventos e marés, a política de estímulo à produção. Desta forma, torna-se indispensável a intervenção do governo no mercado, através da aquisição de leite em pó para formação de estoques reguladores, única forma de evitar o desperdício do produto.

Finalmente, o comentário sobre soja ressalta o bom desempenho das vendas externas do Brasil, no período janeiro-maio de 1981, apesar de uma demanda internacional relativamente fraca. Este bom desempenho deriva de um aumento considerável das exportações brasileiras para países do Leste Europeu — sobretudo União Soviética — e para outros mercados não tradicionais, como a Tunísia, o Irã e a Indonésia.

O BRASIL E O MERCADO MUNDIAL DA CARNE

UM ACORDO INFORMAL ENTRE GOVERNO E INDÚSTRIAS PREVÊ A EXPORTAÇÃO DE US$ 100-120 MILHÕES DE CARNE BOVINA "IN NATURA" E INDUSTRIALIZADA, O QUE REPRESENTA UMA AMPLIAÇÃO DE 140% DA RECEITA EM RELAÇÃO A 1980. O ARTIGO AVALIA AS CHANCES DO BRASIL CONSEGUIR ALCANÇAR ESTA META NUM MERCADO QUE SE ANUNCIA FORTEMENTE COMPETITIVO.

A discussão atual

A ordem do dia na discussão dos assuntos pecuários, no Brasil, tem sido o papel a ser desempenhado pelo setor exportador, como forma de solucionar o problema do aparente excesso de produção existente no mercado de carne bovina. Na verdade, a lucratividade média dos setores envolvidos nesse mercado, desde a produção até o comércio varejista, vem sendo pressionada, ano após ano, não apenas na margem excedente sobre os custos mas, também, pela timidez da expansão dos volumes transacionados. Com efeito, o crescimento da produção de carne bovina vem-se desenvolvendo a taxas relativamente pequenas. No período 1970/80, o produto real da economia brasileira cresceu a uma taxa média anual de 8,85%; a agricultura, em particular, cresceu cerca de 4,9% ao ano. Na mesma época, a produção de carne bovina registrou uma expansão de apenas 1,2% ao ano, dando mostra da precariedade do seu desempenho.

Pelo lado da produção, o ciclo pecuário alterna fases de auge e declínio. A excessiva flutuação dos preços acaba sendo nociva ao planejamento da atividade, notadamente para os segmentos ligados à cria e recria, sobre os quais as crises se abatem com maior virulência. Assim, os problemas estruturais que afetam a pecuária brasileira respondem pela baixa produtividade do rebanho e pela rigidez da oferta interna de carne.

O setor frigorífico, por sua vez, é altamente ineficiente, pois convive, na maioria dos meses do ano, com uma elevada capacidade ociosa que, não raramente, aproxima-se de 100%. No segundo semestre de 1980, sua situação esteve bastante precária e, no limite, parece que o setor só experimenta liquidez, quando o governo abre os cofres para a constituição dos estoques reguladores. No entanto, em 1981, nem mesmo os Cr$ 40 bilhões destinados pelo Conselho Monetário Nacional ao "programa" de estocagem foram suficientes para "enxugar" o mercado. Estima-se que 50 mil t, em abril e maio, permaneceram nos frigoríficos sem suficiente cobertura de aquisição governamental. Para muitos frigoríficos se descortinaria uma situação de bancarrota, pois teriam grandes dificuldades para saldar as dívidas assumidas junto aos produ-

Agroanalysis, 5(7): 3-19, julho/1981

tores. Estes últimos, portanto, dificilmente deixaram de ter prejuízos; inclusive aquele decorrente do declínio dos preços de mercado.

Neste contexto, a intervenção governamental adquire caráter providencial. Por isto, o governo já destinou Cr$ 15 bilhões para o financiamento das exportações e repassou aos frigoríficos outros Cr$ 6 bilhões adicionais para estocagem. Nesse sentido, a atual política exportadora (atendendo às reivindicações imediatas de produtores e industriais) disfarça a ineficiência da intervenção. De fato, os US$ 700 milhões (Cr$ 61 bilhões, sem contar a isenção do pagamento do ICM nas exportações) atualmente alocados à pecuária obteriam melhores resultados se fossem destinados a uma política anti-cíclica, que evitasse a descapitalização do rebanho prevista para o período 1981/82, devido ao abate de ventres férteis. Esse apoio financeiro direto aos criadores evitaria, por certo, a volta do país ao mercado externo, como importador, para suprir o deficit interno, previsto para daqui a dois anos. Além disso, a quantia mencionada é muito superior ao montante de crédito alocado para matrizes e reprodutores e para as atividades de cria e recria, em 1977 e 1978 (cerca de Cr$ 32,5 bilhões, em cruzeiros de maio de 1981).

Conforme salientado em *Agroanalysis*, vol. 4, nº 5, o excesso de oferta atual faz parte de um processo de retração na demanda, iniciado em 1978. Entre esse ano e 1980, o consumo aparente de carne bovina caiu de 20,3 kg para 16,3 kg per capita, ou seja, apresentou uma queda de 20%.

À redução do consumo, soma-se uma maior disponibilidade de reses prontas para abate na presente safra. Com uma produção estimada em 2,25 milhões de t (50 mil t superior ao total de 1980), e considerando-se uma estabilidade no consumo[1], prevê-se que o país terá, em 1981, aproximadamente 300 mil t de carne bovina em equivalente-carcaça para exportar.

Pano de fundo: o ciclo pecuário mundial

O ciclo pecuário é um fenômeno mundial, com peculiaridades inerentes a cada país. O Gráfico 1 apresenta o ciclo pecuário dos EUA desde 1930, registrando o expressivo crescimento do rebanho daquele país. Em 1930, a população bovina situava-se próxima a 60 milhões de cabeças; em 1975, atingiu-se a marca recorde de 132 milhões. A partir de então, o rebanho entrou em declínio, tendo o Departamento de Agricultura (USDA) estimado, em 1º/1/81, a existência de 115 milhões de cabeças naquele país.

O ciclo norte-americano apresenta uma duração de aproximadamente dez anos (número médio de anos de um período de expansão somado a um de retração). O Gráfico indica que o rebanho alcançou limites de alta em 1934, 1945, 1955, 1965 e 1975. O caráter cíclico da produção bovina nos EUA resulta da interação de alguns fatores importantes. Os preços e, conseqüentemente, as margens de lucro das atividades pecuárias são função do estoque de bovinos. A demanda final pela carne é igualmente importante, em face da tendência secular de aumento do consumo; assim, poucos são os períodos de queda cíclica do consumo *per capita*. À semelhança do caso brasileiro, o ciclo norte-americano é influenciado também pela expectativa dos pecuaristas, quanto ao delineamento futuro dos preços de mercado.

Evidentemente, os períodos de picos e vales do ciclo norte-americano não coincidem necessariamente com os do nosso. Tanto lá como aqui, os ciclos são afetados por variáveis macroeconômicas, tais como a renda, o crescimento populacional etc., além da taxa de crescimento e de desfrute do rebanho. Todas essas variáveis têm, para cada país, comportamentos e graus de influência absolutamente singulares.

Rebanhos, abates e produção

Em anos recentes, coincidentemente, a maioria dos grandes rebanhos mundiais, à exceção dos da Comunidade Econômica Européia e dos países socialistas, encontrava-se próxima a um limite numérico de baixa. Conforme demonstram o Quadro 1 e o Gráfico 2, as populações bovinas da Argentina e da Austrália começaram a cair fortemente a partir de 1978, devendo atingir o fundo do poço em 1981. Os EUA e a Nova Zelândia também apresentam um comportamento semelhante: voltaram a crescer. Os efetivos bovinos do Brasil e do Uruguai manifestam, também, um certo paralelismo evolutivo: chegaram ao "vale" em 1978, segundo o USDA, e se encontram, atualmente, em recuperação. A estimativa para o caso brasileiro, em 1981,

[1] levando-se em conta, inclusive, a redução no nível de atividade da economia e o conseqüente aumento da taxa de desemprego. Estimou-se um crescimento populacional, em 1981, de 2,48% (média apurada para os anos 70, no último censo da FIBGE).

de 96 milhões de cabeças, talvez esteja superdimensionada, pois o rebanho poderá não crescer os 3,2% previstos para o presente ano. De qualquer forma, a expansão do rebanho brasileiro poderá ser prejudicada a partir do corrente ano, caso os pecuaristas, via desestímulo de mercado, sejam forçados a incrementar a matança de fêmeas.

Entre os países socialistas, destaca-se a URSS, cujo rebanho vem crescendo significativamente há anos, tendo aumentado em pouco mais de cinco milhões de cabeças, entre 1977 e 1980. A Europa Oriental, excluída a União Soviética, apresentou um rebanho em ligeira expansão até 1979. Desde então, decresceu pouco mais de 500 mil cabeças, resultando num rebanho hoje estimado em 38 milhões de animais.

Quanto aos abates, seu comportamento durante o ciclo é inverso aos índices de crescimento do rebanho. Na fase descendente dos preços, o rebanho se expande mais lentamente, ou até declina, enquanto cresce o volume de abates, aumentando a produção de carne. O Quadro 2 apresenta a produção de carnes dos países anteriormente referidos e a de um total de cinqüenta países selecionados pelo Departamento de Agricultura norte-americano. À exceção do Brasil e do Uruguai, todos os países constantes do quadro apresentarão uma queda na produção de carnes em 1981. A redução será bastante significativa na Austrália (5,9% sobre o ano anterior). Na Argentina e na Nova Zelândia, as diminuições serão de 1,6% e 2,3%, respectivamente.

No conjunto dos cinqüenta países maiores produtores, prevê-se, em 1981, a continuidade do processo de queda da produção iniciado em 1977. A safra de 1981 será inferior em 108,3 mil t às 39,7 milhões de t produzidas, em 1980.

Os países importadores líquidos de carnes

Os EUA, o Canadá, a CEE e o Japão compõem a parte mais ativa da demanda internacional de carnes.

Nos Estados Unidos, a produção global de carnes no corrente ano será de aproximadamente 24,1 milhões de t, traduzindo um declínio de 0,9% relativamente ao ano passado (ver Quadro 3). Uma vez que a produção de carne bovina permanecerá estável, o referido declínio se deve ao fato de que a maior produção de carne avícola não contrabalançará a menor oferta de carne suína (queda de 7%).

O Quadro 4 revela que as importações norte-americanas de carne bovina apresentarão, entre 1980 e 1981, uma pequena redução, de 856 mil t para 841 mil t. Essa perspectiva, em parte, está alicerçada na redução da disponibilidade de carne na Austrália, país que encaminha aos EUA uma expressiva parcela de suas exportações. Por outro lado, a importação líquida de carne suína pelos EUA sofrerá uma expressiva queda de cerca de 30%, descendo para 95 mil t. Em termos de carne avícola, espera-se uma grande investida dos exportadores norte-americanos, que se dispõem a elevar as suas vendas totais em 17%, atingindo um montante de 400 mil t. Em mira estariam países como o Japão, Egito, Arábia Saudita, Iraque, República Dominicana, Nicarágua, etc.

O Canadá vai continuar sendo, em 1981, um pequeno importador líquido de carne bovina e de aves: 19 mil t e 21 mil t respectivamente. Permanecerá, por outro lado, sendo um grande exportador de carne suína (105 mil t). Globalmente, a produção canadense de carnes terá um ligeiro crescimento de 0,8%, em 1981, graças a um melhor desempenho da produção de carne bovina, como aponta o Quadro 3.

A CEE, por sua vez, repetirá, no corrente ano, exatamente a mesma produção de carne bovina de 1979 (6,9 milhões de t), significando uma queda de 2,6%, em relação à de 1980. A produção global de carnes permanecerá estável, em função da maior oferta de carne de aves. Com alguma diminuição, a CEE continuará como grande exportadora de carne bovina (ver Quadro 4) para países não membros da Comunidade, devido a três fatores fundamentais: estoques elevados, redução no consumo e elevados subsídios à exportação.

Em fevereiro último, o Conselho de Ministros de Agricultura daquela Comunidade aprovou uma quota de importação de 60 mil t de carne congelada para processamento, a serem adquiridas da Austrália. A Argentina, o Uruguai e a Nova Zelândia continuarão sendo, segundo o USDA, os outros maiores fornecedores da CEE.

A produção de carne de aves na CEE poderá revelar um crescimento de 5% na temporada atual, elevando-se para 4,2 milhões de t. A França, o maior produtor dentre os membros da CEE, deverá res-

ponder por significativa parcela desse incremento, com a expansão da produção de frangos pelas empresas exportadoras. A produção desse país somará 800 mil t (mais 17% sobre 1980), enquanto as exportações poderão crescer 50% no período, chegando a 300 mil t. Os maiores destinatários da produção da CEE serão o Irã, a Arábia Saudita e a URSS.

O Japão, finalmente, manterá estável a sua produção de carnes, em 1981, ao redor de 3 milhões de t. Em termos de importação líquida, prevê-se que as compras desse país chegarão a 657 mil t (mais 18,2% do que em 1980). Boa parte desse aumento é fruto da crescente aquisição de carne suína. Em 1980, a produção desse tipo de carne cresceu sensivelmente, reduzindo as suas importações. Na temporada atual, contudo, o decréscimo no nível de produção (devido aos elevados gastos com arraçoamento) num primeiro movimento, redundará em um maior abastecimento no mercado internacional. A existência de estoques razoáveis de carne bovina possibilitará uma ampliação de 4% no consumo, sem a necessidade de ampliar significativamente as importações.

A produção de carnes na URSS está projetada em 15 milhões de t, evidenciando uma ligeira redução em relação a 1980. Quedas de 1% e 3%, respectivamente, são previstas na produção de carne bovina e de suínos. A produção avícola continuará crescendo, o que vem ocorrendo há cinco anos. Um inverno pouco rigoroso propicia boas condições de alimentação, enquanto os efetivos bovinos e suínos se mantêm em níveis próximos de recordes. Em fevereiro último, o USDA estimou que as compras externas de carnes vermelhas pela União Soviética chegariam a 635 mil t, sendo que pouco menos de 60% desse montante seriam de carne bovina.

Os maiores exportadores de carne bovina

Conforme foi salientado anteriormente, estima-se que o rebanho bovino da Austrália atinja sua menor população no corrente ano. Contrariamente a outras regiões produtoras (como o Brasil), as condições de umidade do solo naquele país foram grandemente prejudicadas pelas escassas precipitações no primeiro trimestre desse ano. Nessa época, praticamente se repetiu a seca ocorrida no ano passado. Tal fato certamente prejudicará a recomposição do rebanho australiano, prevista para ocorrer no transcurso de 1981. De qualquer forma, estima-se que os abates somarão 8 milhões de cabeças, 8,6% inferiores ao total registrado em 1980.

O consumo doméstico de carne bovina naquele país deverá ficar 5% abaixo dos 46,3 kg per capita registrados no ano passado. Tal queda será uma decorrência de um aumento de 15% nos preços de varejo, enquanto os preços relativos favorecem uma crescente penetração de carnes substitutas. Os dados disponíveis indicam que as exportações australianas de carne bovina cairão para 800 mil t em equivalente-carcaça (ver Quadro 5) e existem indicações de que as metas de vendas aos EUA não serão alcançadas, caso os norte-americanos não melhorem substancialmente os preços pagos num futuro próximo.

Com condições climáticas relativamente boas, o rebanho da Nova Zelândia deverá registrar um ligeiro aumento, em 1981. No entanto, os baixos preços recebidos pelos produtores tolhem uma maior ampliação dos efetivos bovinos. Devido à fraqueza dos preços da carne no mercado internacional, principalmente nos EUA, o governo e o organismo que congrega os produtores de carne daquele país (*"Meat Producers Board"*) estão sendo forçados a subsidiar o preço recebido pelos produtores em US¢ 24/kg de carne. Face ao desestímulo reinante, muitos produtores estão desviando parte de suas áreas para a criação de ovelhas. Desse modo, tanto o rebanho, como a produção de carne de ovelhas, ampliaram-se substancialmente, em 1980, e deverão crescer cerca de 5%, em 1981.

Quanto à exportação de carne bovina, o Quadro 5 mostra uma expressiva redução (11,3% ou 39 mil t) nas vendas da Nova Zelândia. As exportações de carne ovina, porém, continuarão a crescer, não nos mercados tradicionais do Reino Unido e da URSS, mas em áreas novas como o Oriente Médio.

No Uruguai, a produção de carne bovina deverá crescer 10%, em 1981. Boas condições das pastagens e a existência de um elevado número de bovinos em época de abate justificam essa perspectiva de crescimento. Segundo o Departamento de Agricultura dos EUA, as vendas uruguaias ao mer-

cado externo poderão elevar-se a 120 mil t. Ainda de acordo com essa fonte, tal volume se viabilizaria, caso o Brasil pudesse absorver a metade das exportações do Uruguai. Como o panorama atual efetivamente descarta essa possibilidade, pode-se perceber que a disputa por parcelas do mercado internacional será forçosamente acirrada. O Oriente Médio e a CEE são, respectivamente, o segundo e o terceiro mercados para os produtos cárneos do Uruguai.

O novo papel da Argentina no cenário mundial

A produção de carne bovina na Argentina está em uma fase cíclica de baixa, conforme aponta o Quadro 5. Em 1980, a produção foi de 2,865 milhões de t, revelando uma queda de 7,3 pontos percentuais relativamente ao ano anterior. O preço médio do novilho em Liniers subiu de US¢ 90 para US$ 1,00 por quilograma vivo, entre 1979 e 1980. Nesse último ano, o consumo per capita, medido mensalmente, variou entre 78 kg/ano, em junho, e 95 kg/ano, em dezembro.

Pelo lado das exportações, a Argentina destinou ao mercado consumidor mundial um volume de 470 mil t, consubstanciando um expressivo declínio de 33% sobre o ano anterior. A média dos preços FOB de cada tonelada exportada foi de US$ 1.612 e US$ 1.671 respectivamente, no primeiro e no segundo semestres de 1980. Em comparação a idênticos períodos de 1979, houve um incremento dos preços de 27,1% e de 4,2%, evidenciando uma escalada de preços a partir da segunda metade de 1979.

Três mercados — a CEE, os EUA e a URSS — absorveram 77% dos embarques argentinos de carne bovina. As vendas à CEE reduziram-se em 37% no ano passado, baixando a 141 mil t e foram efetuadas quase exclusivamente sob licenças, correspondentes a quotas especiais, que não foram totalmente utilizadas, devido à retração da demanda pela Comunidade.

Os embarques aos EUA baixaram de 125 mil t, em 1978, para 90 mil t, em 1980. Os altos preços pedidos pelos exportadores argentinos por carnes cozidas e enlatadas acarretaram um deslocamento parcial da Argentina daquele mercado: firmas brasileiras, e até mesmo empresas do próprio país, responderam por tal deslocamento. Em compensação, as vendas à URSS, cerca de 11 mil t/mês, em 1980, praticamente triplicaram em relação a 1979. Compõem-se basicamente de carne tipo "manufatura": vacas e machos desossados e quartos dianteiros incompletos desossados. Por outro lado, em conseqüência da forte concorrência da CEE (via subsídios, ou *dumping*) as exportações à Grécia caíram de 57 mil t, em 1978, para apenas 18 mil t em equivalente-carcaça, no ano passado. No período janeiro/setembro de 1980, a CEE já havia exportado mais de 30,5 mil t de produtos cárneos à Grécia, contra apenas 4,5 mil t, no mesmo período de 1978.

Os exportadores argentinos, no segundo semestre de 1979 e em 1980, também perderam para a CEE todas as licitações realizadas pelo Egito. As ofertas da CEE foram cotadas entre US$ 400-500/t abaixo dos preços da Argentina ou do Uruguai. Assim, as vendas argentinas ao Egito declinaram de 33 mil t para 8 mil t, no período de 1979/80. No período janeiro/setembro de 1980, a CEE exportou 37,4 mil t de produtos cárneos para o mercado egípcio, enquanto as vendas na mesma época de 1979 foram de apenas 37 toneladas. As exportações a Israel por parte da Argentina também sofreram semelhante baixa: de 40 mil t para 17 mil t, entre 1979 e 1980.

Fica clara, desta maneira, a grande dificuldade dos exportadores argentinos em garantir os seus mercados tradicionais. A elevação dos preços internos no país e a competição por parte da CEE, dos EUA e, até mesmo, do Brasil, são os fatores responsáveis por tal dificuldade. Em termos globais, o USDA prevê que as vendas da Argentina se reduzam em 20 mil t em equivalente-carcaça, em 1981, caindo para 450 mil t.

No entanto, as duas maxidesvalorizações do peso argentino, promovidas pelo novo governo, certamente devolverão a competitividade perdida no passado recente. Tal fato dará um novo fôlego aos exportadores daquele país e poderá significar, inclusive, uma redução do consumo interno de carne bovina para que o país volte a elevar a sua receita cambial com as exportações do produto.

Com efeito, a Argentina assinou, em abril último, um contrato de fornecimento à União Soviética de 100 mil t de carnes anualmente, em um período de cinco anos. Deve-se ressaltar que tal contrato foi realizado antes da última desvaloriza-

ção da moeda argentina. Na área de fornecimento de grãos à URSS, a investida argentina será espetacular: prevê-se que as vendas, em 1981, alcancem 14 milhões de t, 9 milhões de toneladas acima das exportações do ano passado.

Parêntesis: a economia mundial

O governo brasileiro pôs em prática uma série de medidas de apoio às exportações, no sentido de fechar o ano de 1981 auferindo uma receita cambial de 26 bilhões de dólares. Entre essas medidas, algumas afetam o setor pecuário, destacando-se a reintrodução do crédito-prêmio aos manufaturados exportáveis, os créditos (a juros subsidiados) alocados ao financiamento das exportações de carne *in natura* e industrializada e a isenção do ICM na exportação. Evidentemente, tais medidas fazem parte de uma estratégia global que visa estancar a redução do nível de atividade da economia.

Nesse sentido, numa perspectiva de médio prazo, a evolução da economia e, conseqüentemente, do comércio mundial, passam a ter uma importância crucial para a estratégia brasileira, na medida em que constituem o pano de fundo onde se desenvolverá o comércio exterior do Brasil.

Deste modo, devido a seu peso nas operações comerciais internacionais, deve-se observar quais são as tendências do desempenho da economia norte-americana. Há a perspectiva de retomada do crescimento econômico nos EUA a partir de 1982, com o governo daquele país prevendo uma expansão, em 1982, de 4,2% no Produto Nacional Bruto. Em 1980, o PNB sofreu uma ligeira redução, devendo crescer cerca de 2% no corrente ano. A perspectiva de expansão viria acompanhada de uma redução da inflação norte-americana.

O Fundo Monetário Internacional, por outro lado, estima um expressivo crescimento de 4,5% no volume de comércio mundial entre 1981 e 1982,

A IMPORTÂNCIA DOS SETORES DE CARNES SUBSTITUTAS: UMA BREVE ANÁLISE

A partir de meados da década de 70, a tendência mundial ao decréscimo da produção de carne bovina, principalmente devido às reduções dos abates havidos, a partir de 1977, nos rebanhos bovinos norte-americano e australiano, foi compensada por uma maior produção das carnes substitutas (principalmente avícola, suína e ovina), o que possibilitou a manutenção do ritmo crescente da produção mundial de carnes.

Tal crescimento dos setores de animais de pequeno e médio portes fundamentou-se não só na incapacidade de a produção mundial de carne bovina abastecer a demanda crescente como, também, no fato de o mercado mundial, a partir da temporada 1977/78, ter passado a dispor de elevada produção de grãos forrageiros: entre as temporadas 1975/76 e 1979/80, a produção mundial de milho, cevada, aveia e sorgo cresceu à taxa média anual de 3,8%, possibilitando aos setores avícola e suinícola mundiais a manutenção de uma taxa média de crescimento anual de 4,7% no período, uma vez que apoiados em custos de arraçoamento decrescentes.

Em duas regiões, especificamente os EUA e a CEE, este processo de substituição de consumo apresentou características marcantes. No caso norte-americano, à medida que a produção de carne bovina começou a declinar em 1977, a de carnes avícola e suína passou a apresentar crescimento ininterrupto, abastecendo a população de modo a ampliar substancialmente o consumo destas carnes. Desta maneira, enquanto declinou em 4,9% o consumo *per capita* de carne bovina nos EUA entre 1977 e 1978, o de carne suína manteve-se inalterado, elevando-se o de carne de aves em 5,7%. Estas alterações encontram-se resumidas no Gráfico 4, onde se contrapõem à evolução ascendente dos índices de consumo das carnes de aves e de suínos, as variações negativas dos índices referentes à carne bovina. Estas variações devem ser encaradas, também, como conseqüência da queda da renda real da maior parte da população daquele país, em resposta à intensificação do processo inflacionário.

Conforme pode ser observado no Gráfico mencionado, foi a partir do segundo trimestre de 1979 que se observaram as maiores mudanças no consumo relativo de carnes dos EUA, pois, a partir de então, deu-se uma maior oferta efetiva das carnes substitutas. No caso carne de aves/carne bovina, a relação de produção passou de 0,42, no primeiro trimestre de 1978, para 0,59 no primeiro trimestre de 1980, enquanto que, no caso carne suína/carne bovina, de 0,53 para 0,79.

Paralelamente, também na CEE, a partir de 1977, a produção de carnes avícola e suína apresentou uma taxa de crescimento superior

conforme revela o Quadro 6. As exportações dos países em desenvolvimento não exportadores de petróleo cresceriam em 8% no mesmo período. Resta saber qual seria a parcela desse crescimento a ser captada pelo Brasil. Em 1981, contudo, o país ainda terá que conviver com um quadro de recessão internacional.

Exportação de carne bovina: e o Brasil?

No início dos anos 70, o Brasil, a partir de uma grande expansão da capacidade de seu parque industrial, participou ativamente do mercado internacional de carnes. Em 1972, a exportação líquida de carne bovina do país alcançou um volume absolutamente recorde: cerca de 235 mil t. A situação foi totalmente inversa em 1979, quando o país foi um importador líquido de 6,2 mil t. Na verdade, o Brasil, desde a metade da década passada, tornou-se um razoável importador de carne bovina para reexportá-la depois, no regime de *draw-back*.

Em 1980, a exportação de carne bovina em equivalente-carcaça somou quase 167 mil t; nesse ano, em termos líquidos, o país destinou ao exterior cerca de 111 mil toneladas (ver Quadro 7).

Para 1981, o "acordo" tácito entre governo e indústrias tem como meta exportar US$ 100-120 milhões (18,8 milhões, ano passado) de carne bovina *in natura* e aproximadamente US$ 500 milhões de carne industrializada (232,6 milhões, em 1980). Ou seja, o objetivo é ampliar a receita total em torno de 140%.

Essa previsão de exportação é muito superior à estimativa do USDA de abril último, que aponta vendas brasileiras de 190 mil t (Quadro 5). De qualquer forma, deve-se levar em conta que as importações líquidas de carne bovina pelos quatro maiores importadores mundiais (EUA, Canadá, CEE e Japão) crescerão apenas 1,3% em 1981, segundo o USDA (Quadro 4). O Quadro 8, por outro lado,

à de carne bovina: entre aquele ano e 1980, enquanto a evolução média da produção de carne bovina situou-se em 2,2%, a de carne suína foi de 3,9% e a de aves alcançou 3,4%. Não se estranha, portanto, que, enquanto o consumo *per capita* de carne bovina naquela região cresceu à taxa média de 1,8% entre 1978 e 1980, o de carnes suína e avícola aumentou, respectivamente, às taxas médias anuais de 2,8% e 2,3%.

Naquela região, a causa do aumento da produção de carnes substitutas à bovina, a partir de 1978, também foi a favorabilidade do arraçoamento, associada ao aumento da demanda por proteína animal. Entre 1976 e 1979, na CEE, o crescimento apresentado pela produção de grãos para rações evoluiu à taxa média anual de 10,3%. Embora tenha apresentado um decréscimo de 1% em 1979, ainda assim a Comunidade Européia colheu sua segunda maior safra da história, após o recorde de 1978.

Por outro lado, é importante não esquecer que o crescimento acelerado destes setores substitutos ao de produção de carne bovina levou a certas distorções mercadológicas, cuja reação passou a afetar a própria estrutura de produção. Nos EUA, por exemplo, o rápido aumento da produção de carne de porco nos últimos anos da década de 70 (crescimento médio de 8% a.a. entre 1977 e 1980) aliado à recessão econômica e à defasagem entre oferta e demanda daí ocasionada, acarretou uma margem de lucro negativa para os suinocultores, nos nove primeiros meses de 1980, tendência que já se vinha observando desde agosto de 1979. Tal fato agravou-se, na medida em que a oferta de carnes em geral, em 1980, tendo sido 3,5% superior à de 1979, possibilitou aos consumidores norte-americanos a substituição das variedades entre si, mantendo uma pressão baixista sobre os preços de todas as carnes. Desta forma, a média do preço relativo suíno/milho para os nove primeiros meses de 1980, naquele país, foi 34,4% inferior ao verificado no mesmo período de 1978.

A diminuição da lucratividade da suinocultura norte-americana, a partir de meados de 1979, teve como reflexo o acréscimo de 5,9% no abate de matrizes suínas nos nove primeiros meses de 1980, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Tal providência traduz-se na intenção de diminuir em 6,0% a oferta de carne suína no mercado norte-americano em 1981, em comparação com as 7,5 milhões de t obtidas em 1980.

O setor avícola norte-americano, por sua vez, tem demonstrado tendência a acelerar seu ritmo de crescimento em resposta à recuperação da lucratividade observada em fins de 1980, prevendo-se, para este ano, uma produção de carne de aves 3,9% superior à de 1980, quando, a despeito da produção crescente (2,2% maior do que a de 1979) os preços recebidos evoluíram favoravelmente para os produtores, em decorrência dos aumentos dos preços das carnes vermelhas em geral.

apresenta as importações de alguns países selecionados. Os mercados importadores em expansão, onde o produto brasileiro poderia buscar alternativas, são a Iugoslávia, o Canadá, Israel e Egito. Deve-se notar, entretanto, que a perspectiva geral é de uma queda de 3% no volume total de importações pelos países pesquisados.

Assim, a penetração do produto brasileiro no exterior vai depender de um deslocamento dos países concorrentes. Segundo o Quadro 5, haveria, até mesmo, um decréscimo (de 2,09 milhões de t para 2,01 milhões de t) nas exportações totais dos principais exportadores mundiais. A princípio, a situação não permite que se acalentem expectativas demasiadamente otimistas. Principalmente considerando-se a atuação da Argentina no mercado internacional e a política de maciças exportações da CEE.

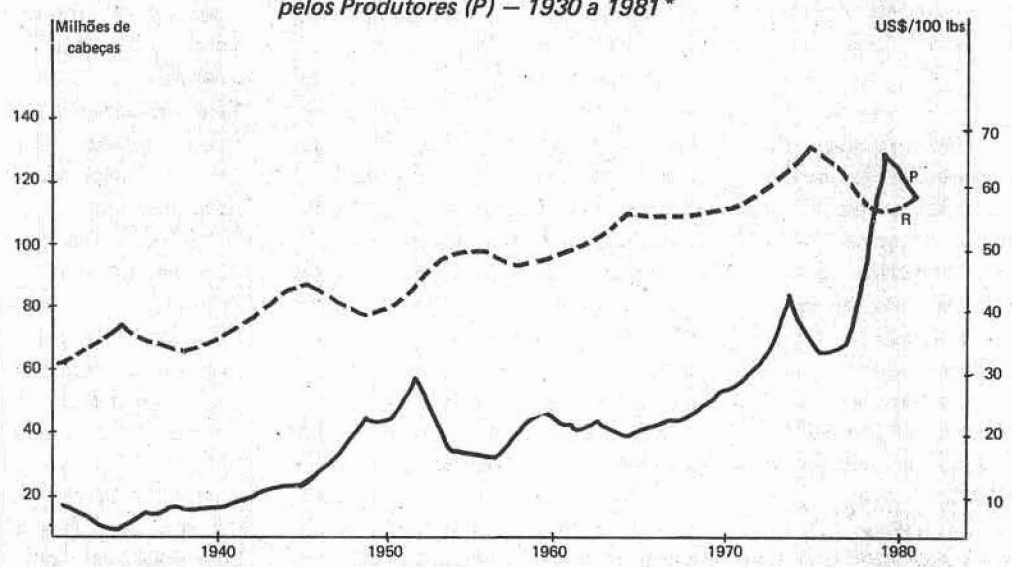
Na Comunidade, o ano de 1981 começou com estoques de intervenção extremamente altos: cerca de 300 mil t de produtos cárneos. Por outro lado, as compras oficiais para a sustentação do mercado em 1980 (400 mil t) foram as maiores desde 1975. A única maneira de compensar as diferenças entre o preço interno da carne na CEE (US$ 3.000-4.000/t) e o preço no mercado internacional (US$ 1.500-2.000/t) é promover maciços subsídios à exportação (para reduzir os estoques de intervenção).

As exportações brasileiras aumentaram efetivamente seu poder de competição após a fixação das medidas de apoio governamental, anteriormente citadas. Sem dúvida, o crescimento das vendas do país, no médio prazo, dependerá da consolidação de mercados recentemente conquistados e da abertura de novas frentes de expansão em áreas não tradicionais. Dependerá, principalmente, do nível de preços do produto brasileiro em relação aos preços dos países competidores. Nesse sentido, o Gráfico 3 apresenta alguns subsídios quanto ao comportamento dos preços relativos de bovinos em pé no Brasil e nos países concorrentes, em 1979/80. Pode-se perceber que o Uruguai e a Nova Zelândia foram os países mais competitivos no passado recente.

A maior vantagem do exportador brasileiro é a inquietante erosão dos preços reais do boi gordo adquirido aos pecuaristas, fenômeno que já ocorreu em 1980 (queda de 13,5% sobre 1979) e que será ainda mais agudo em 1981. Essa vantagem é relativizada em relação ao Uruguai, onde os preços das categorias bovinas também decrescerão no presente ano. Relativamente à Austrália, o produto brasileiro certamente será mais competitivo agora do que em 1980. Resta saber se essa vantagem nos preços será suficiente para uma receita cambial de US$ 600-620 milhões. Chegaremos lá?

GRÁFICO 1

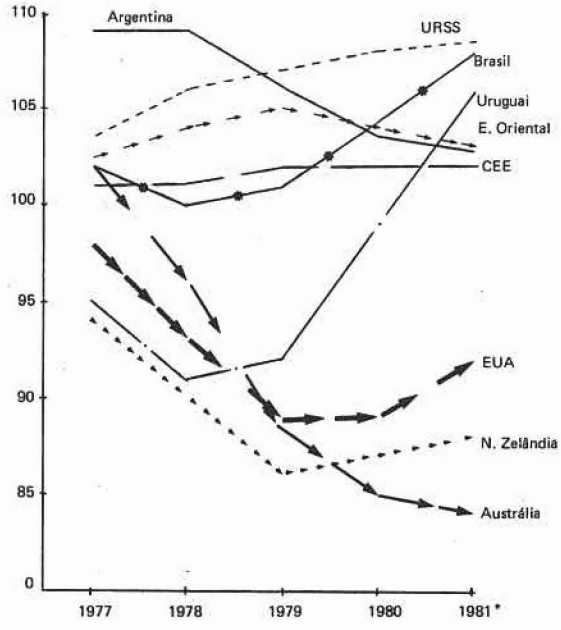
*EUA: Evolução do Rebanho Bovino (R) e dos Preços Recebidos pelos Produtores (P) — 1930 a 1981 **



* O dado de preço recebido em 1981 refere-se à média do 1º trimestre.
FONTES: USDA, Commodity Yearbook.

GRÁFICO 2

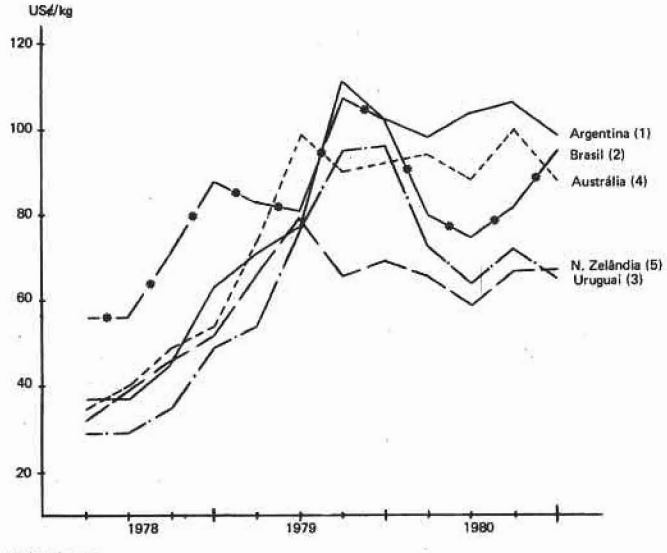
PAÍSES SELECIONADOS E CEE: Evolução dos Rebanhos Bovinos e Bubalinos — 1977-1981
(em milhões de cabeças)



*preliminar.
Base: média 1972/76 = 100.
FONTE DOS DADOS BRUTOS: Quadro 1.

GRÁFICO 3

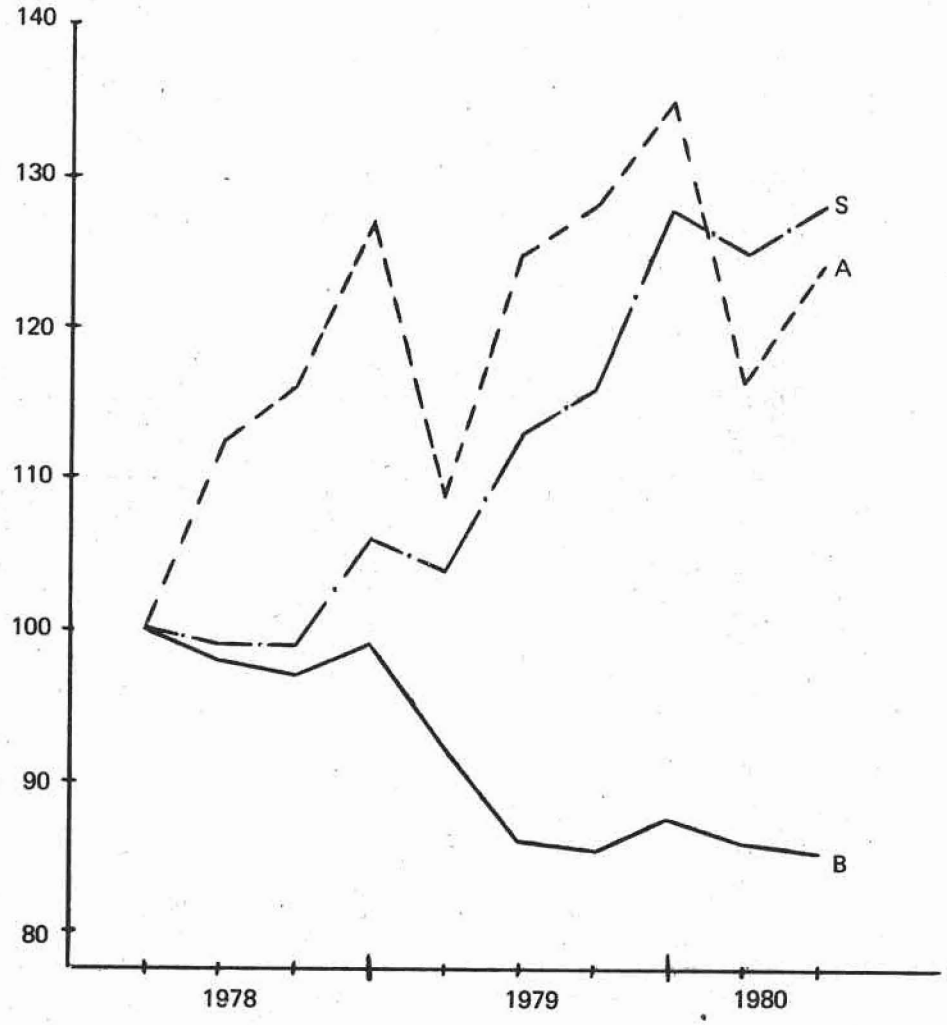
PAÍSES SELECIONADOS: Preços Trimestrais do Boi em Pé — 1978 a 1980
(US¢/kg)



(1) Novilho, Argentina.
(2) Média do gado bovino adulto em São Paulo.
(3) Novilho tipo exportação, em Montevidéo.
(4) Novilho tipo exportação (250-300 kg), em Sidney.
(5) Novilho (245-270 kg) tipo PI, em North Island.
FONTE: Boletín Mensual de Carnes/Secretaría de Estado de Agricultura y Ganaderia (Argentina).

GRÁFICO 4

EUA: Índices do Consumo Trimestral Per Capita *de Carnes Avícola (A), Bovina (B) e Suína (S) — 1978 a 2º Trimestre de 1980 (1º trimestre de 1978 = 100)*



FONTE: USDA.

QUADRO 1

*MERCADO INTERNACIONAL: Evolução dos Principais Rebanhos e Abates **
Bovinos e Bubalinos Mundiais, 1972/76-1981
(em 1.000 cabeças)

País	1972/76	1977	1978	1979	1980	1981
EUA	125.439	122.810	116.375	110.264	111.192	115.013
	(42.393)	**(48.073)**	**(44.272)**	**(36.932)**	**(36.830)**	**(36.550)**
CEE	76.464	77.134	77.218	77.797	78.006	78.179
	(26.994)	**(27.359)**	**(27.068)**	**(28.228)**	**(28.270)**	**(27.600)**
URSS	106.572	110.300	112.690	114.086	115.100	115.500
	(36.045)	**(36.433)**	**(37.642)**	**(37.010)**	**(36.460)**	**(36.600)**
Austrália	30.708	31.533	29.330	27.112	26.208	25.850
	(8.675)	**(12.700)**	**(12.346)**	**(9.837)**	**(8.751)**	**(8.000)**
Nova Zelândia	9.341	8.739	8.418	8.022	8.150	8.250
	(3.171)	**(3.570)**	**(3.533)**	**(3.202)**	**(2.950)**	**(3.000)**
Brasil	89.254	91.000	89.000	90.000	93.000	96.000
	(11.060)	**(12.500)**	**(11.200)**	**(10.650)**	**(10.650)**	**(11.000)**
Argentina	56.699	61.891	61.826	59.975	58.739	58.520
	(11.191)	**(14.748)**	**(16.449)**	**(15.617)**	**(14.000)**	**(13.700)**
Uruguai	10.406	9.843	9.424	9.613	10.313	11.003
	(1.615)	**(1.730)**	**(1.685)**	**(1.303)**	**(1.500)**	**(1.650)**
Europa Oriental	36.812	37.784	38.198	38.598	38.351	38.045
	(8.845)	**(8.776)**	**(8.956)**	**(9.059)**	**(9.039)**	**(8.702)**
Mundo	927.742	948.203	941.277	935.199	937.428	946.175
(50 países)	**(183.482)**	**(202.168)**	**(199.834)**	**(188.477)**	**(185.042)**	**(183.976)**

*os abates são dados entre parêntesis.
FONTE: USDA.

QUADRO 2

MERCADO INTERNACIONAL: Evolução da Produção de Carne Bovina nos Principais Produtores Mundiais; 1972/76-1981
(em 1.000 t e em %, 1972/76 = 100)

País	1972/76	1977	1978	1979	1980	1981
EUA	10.869	11.845	11.283	9.925	10.002	9.967
	(100)	(109.0)	(103.8)	(91.3)	(92.0)	(91.7)
CEE	6.171	6.368	6.411	6.797	6.836	6.825
	(100)	(103.2)	(103.9)	(110.1)	(110.8)	(110.6)
URSS	6.201	6.888	7.086	7.029	6.750	6.700
	(100)	(111.1)	(114.3)	(113.3)	(108.9)	(108.0)
Austrália	1.532	2.149	2.134	1.768	1.524	1.434
	(100)	(140.3)	(139.3)	(115.4)	(99.5)	(93.6)
Nova Zelândia	479	558	562	512	471	460
	(100)	(116.5)	(117.3)	(106.9)	(98.3)	(96.0)
Brasil	2.190	2.450	2.200	2.100	2.200	2.250
	(100)	(111.9)	(100.5)	(95.9)	(100.5)	(102.7)
Argentina	2.351	2.914	3.193	3.092	2.856	2.810
	(100)	(123.9)	(135.8)	(131.5)	(121.5)	(119.5)
Uruguai	331	363	354	266	306	337
	(100)	(109.7)	(106.9)	(80.4)	(92.4)	(101.8)
Europa Oriental	1.872	2.000	2.021	2.070	2.028	2.005
	(100)	(106.8)	(108.0)	(110.6)	(108.3)	(107.1)
Mundo	37.856,8	42.081,9	41.917,1	40.168,6	39.704,5	39.596,2
(50 países)	(100)	(111.2)	(110.7)	(106.1)	(104.9)	(104.6)

FONTE: USDA.

QUADRO 3

MERCADO INTERNACIONAL: Produção de Carne em Equivalente-carcaça nos Maiores Importadores Mundiais; 1978-81
(1.000 t)

Mercadoria e País	1978	1979	Estimativa 1980	Previsão 1981(1)	Variação (%) 1981/80
Carne Bovina					
EUA	11.283	9.925	9.999	10.003	0
Canadá	1.060	946	975	1.025	+5,1
CEE*	6.511	6.903	7.086	6.903	-2,6
Japão	403	402	418	427	+2,2
Total	19.257	18.176	18.478	18.358	-0,7
Carne Suína					
EUA	6.075	7.008	7.537	7.010	-7,0
Canadá	620	750	890	850	-4,5
CEE*	8.733	9.185	9.314	9.339	+0,3
Japão	1.284	1.430	1.476	1.450	-1,8
Total	16.712	18.373	19.217	18.649	-3,0
Carne Ovina					
EUA	140	133	144	150	+4,2
Canadá	4	4	5	5	0
CEE*	656	673	738	714	-3,3
Japão	(2)	(2)	(2)	(2)	0
Total	800	810	887	869	-2,0
Carne de Aves					
EUA	5.879	6.507	6.636	6.934	+4,5
Canadá	484	539	519	529	+1,9
CEE*	3.701	3.787	3.964	4.177	+5,4
Japão	1.027	1.109	1.152	1.182	+2,6
Total	11.091	11.942	12.271	12.822	+4,5
Carne Total					
EUA	23.377	23.573	24.316	24.097	-0,9
Canadá	2,168	2,239	2,389	2,409	+0,8
CEE*	19.601	20.548	21.102	21.133	+0,2
Japão	2.714	2.941	3.046	3.059	+0,4
Total	47.806	49.301	50.853	50.698	-0,3

* Incluindo a Grécia.
(1) Previsão Foreign Agriculture Service.
(2) Menos de 500 t.
(3) Peso dos produtos avícolas.
FONTE: USDA.

QUADRO 4

MERCADO INTERNACIONAL: Importações Líquidas de Carnes em Equivalente-carcaça pelos Maiores Importadores Mundiais, 1978-81*
(1.000 t)

Mercadoria e País	1978	1979	Estimativa 1980	Previsão 1981(1)
Carne Bovina				
EUA	981	1,026	856	841
Canadá	57	35	13	19
CEE (2)(3)	114	18	-165	-151
Japão	143	185	174	180
Total	1,295	1,264	878	889
Carne Suína				
EUA	97	97	135	95
Canadá	-2	-46	-101	-105
CEE (2)(3)	-64	-136	-108	-140
Japão	148	188	155	250
Total	179	103	81	100
Carne Ovina				
EUA	17	20	13	13
Canadá	17	21	15	17
CEE (2)(3)	259	238	226	232
Japão	279	237	157	150
Total	572	516	411	412
Carne de Aves (4)				
EUA	-198	-238	-342	-400
Canadá	28	27	18	21
CEE (2)(3)	-126	-210	-240	-270
Japão	62	72	70	77
Total	-234	-369	-494	-572
Carne Total				
EUA	897	905	662	549
Canadá	100	38	-55	-48
CEE (2)(3)	183	-80	-287	-329
Japão	632	682	556	657
Total	1,812	1,514	876	829

(1) Previsão Foreign Agriculture Service.
(2) Incluindo Grécia nos anos 1980 e 1981.
(3) Exclui comércio intra-CEE.
(4) Peso dos produtos avícolas.
* Os números precedidos de sinal negativo caracterizam exportações, enquanto os positivos referem-se a importações.
FONTE: USDA.

QUADRO 5

CARNE BOVINA: Produção e Exportação dos Maiores Exportadores Mundiais, em Equivalente-carcaça; 1978-81
(1.000 t)

Item	1978	1979	Estimativa 1980	Previsão 1981(1)	Variação (%) 1981/80
PRODUÇÃO:					
Austrália	2,134	1,768	1,524	1,434	-5,9
Nova Zelândia	562	512	505	490	-3,0
América Central (2)	428	439	418	450	+7,7
México	1,054	1,025	1,055	1,075	+1,9
Sub-Total	4,178	3,744	3,502	3,449	-1,5
Outros:					
Brasil	2,200	2,100	2,200	2,250	+2,3
Argentina	3,193	3,092	2,865	2,810	-1,9
Uruguai	354	266	329	362	+10,0
Sub-Total	5,747	5,458	5,394	5,422	+0,5
Total	9,925	9,202	8,896	8,871	-0,3
EXPORTAÇÕES:					
Austrália	1,131	1,089	879	800	-9,0
Nova Zelândia (3)	346	343	344	305	-11,3
América Central	156	168	121	140	+15,7
México	45	6	1	6	**
Sub-Total	1,678	1,606	1,345	1,251	-7,0
Outros:					
Brasil	130	110	165	190	+15,2
Argentina	740	697	470	450	-4,3
Uruguai	112	81	110	120	+9,1
Sub-Total	1,082	888	745	760	+2,0
Total	2,760	2,494	2,090	2,011	-3,8

** Indica alteração maior que 100%.
(1) Previsões Foreign Agriculture Service.
(2) Inclui Rep. Dominicana, exclui Belize e Haiti.
FONTE: USDA.

QUADRO 6

MERCADO INTERNACIONAL: Evolução e Estimativas do Desenvolvimento do Comércio Mundial — 1979-82 (em % sobre o ano anterior)

Discriminação	1979	1980	1981	1982
Comércio mundial				
Em volume	6,5	1,5	1,5	4,5
Em US$	18	20	7	7,5
Volume de comércio				
Exportações				
Países industrializados	7	4	1,5	4
Países em desenvolvimento				
Exportadores de petróleo	3	-13	-7	3
Não exportadores de petróleo	9	8	7,5	8
Importações				
Países industrializados	8	-1	-0,5	3,5
Países em desenvolvimento				
Exportadores de petróleo	-12	16	16,5	14,5
Não exportadores de petróleo	11	5	5	6,5

FONTE: FMI — *World Economic Outlook* — 15 de maio, 1981.
Extraído de "Carta do IBRE" — Conjuntura Econômica, junho/1981.

QUADRO 7

BRASIL: Comércio Exterior de Carne Bovina em Equivalente-carcaça; 1971-1980
(em t)

Ano	Exportação(1)	Importação	Exportação Líquida
1971	164.916	5.824	159.092
1972	235.867	1.008	234.859
1973	178.008	1.378	176.630
1974	96.486	51.796	44.690
1975	98.957	23.973	74.984
1976	153.697	22.647	131.050
1977	182.603	25.697	156.906
1978	128.373	112.605	15.768
1979	104.286	110.518	-6.232
1980	166.820	55.853	110.967

(1) Estimativa GIA.
O número precedido de sinal negativo caracteriza importação líquida.
FONTE DOS DADOS BRUTOS: CACEX, CIEF/MF.

QUADRO 8

PAÍSES SELECIONADOS E CEE: Evolução das Importações de Carne Bovina em Equivalente-carcaça; 1978 a 1981
(1.000 t)

País	1978	1979	Estimativa 1980	Previsão 1981(1)	Variação (%) 1981/80
EUA	1,053	1,103	936	920	-1,7
CEE (2) (3)	305	311	324	301	-7,1
Iugoslávia	51	65	55	65	+18,2
Canadá	102	87	79	85	+7,6
Japão	143	185	174	180	+3,5
Espanha	73	80	20	10	-50,0
Grécia	121	120	(2)	(2)	
URSS (4)	56	250	360	345	-4,2
Brasil	113	111	56	—	—
Coréia	45	60	(5)	4	**
Israel	37	71	22	30	+36,4
Egito	134	74	100	110	+10,0
Outros Países (6)	305	194	177	182	+2,8
TOTAL	2,538	2,711	2,303	2,232	-3,1

** Indica alteração superior a 100%.
(1) Previsões do Foreign Agriculture Service, exceto Brasil.
(2) CEE, incluindo a Grécia apenas em 1980 e 1981.
(3) Exclui o Comércio intra-CEE.
(4) Peso dos produtos cárneos.
(5) Menos de 500 t.
(6) Aproximadamente trinta países, além dos listados.
FONTE DOS DADOS BRUTOS: USDA, CACEX.

COMENTÁRIOS

CACAU

Negociações do Acordo Internacional auxiliam a atual recuperação do mercado

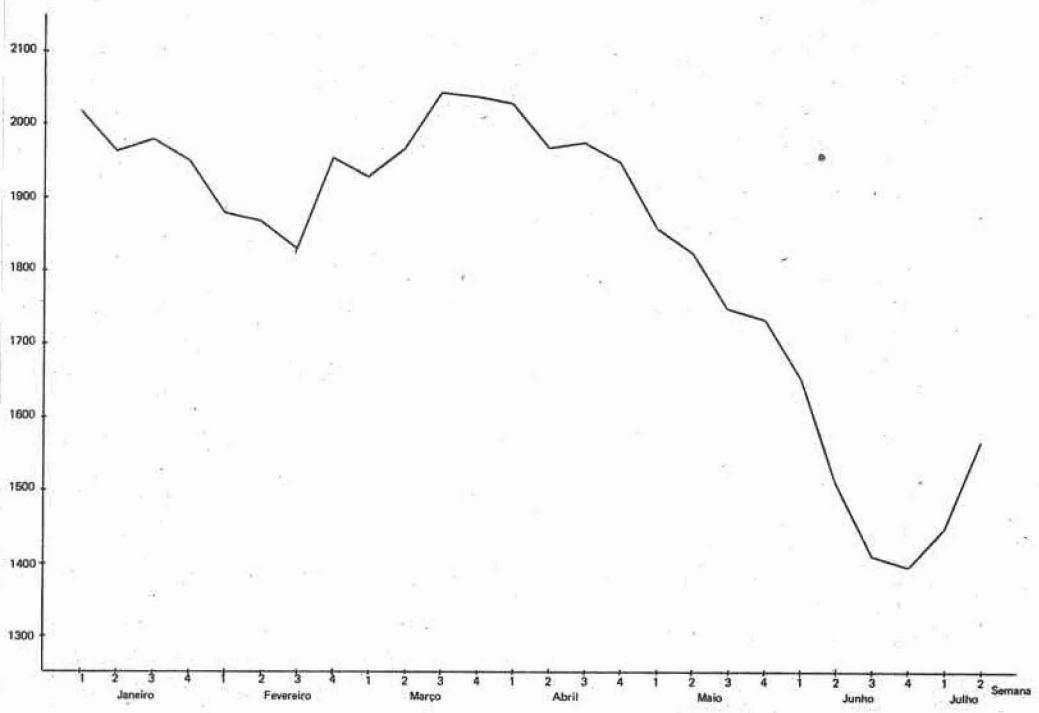
Nas últimas semanas, as cotações do cacau lograram uma modesta, mas importante, recuperação. Como se sabe, este produto tem enfrentado uma conjuntura de preços extremamente adversa, atravessando, no momento, o quarto ano consecutivo de níveis de produção superiores aos de consumo. Por um lado, a situação econômica mundial tem impossibilitado um aumento do consumo a taxas significativas; por outro, diversos fatores têm impedido que os países produtores exerçam um controle efetivo da oferta internacional.

Neste contexto desfavorável, a elevação das cotações, verificada durante os últimos quinze a vinte dias, interrompeu uma seqüência de nove semanas em que os preços médios declinaram continuadamente (ver Gráfico 1). Em termos absolutos, no entanto, os avanços obtidos foram relativamente pequenos. Assim, o preço médio da última quinzena de julho revelou-se inferior em 23% àquele verificado ao longo do primeiro trimestre de 1981 e 37% inferior à média de junho de 1980.

Embora a tendência baixista deva ainda persistir a longo prazo, a recente recuperação, por seu caráter inesperado e pelas dúvidas que lança

GRÁFICO 1

NOVA IORQUE: Preços Médios Semanais do Fechamento (1º Futuro) do Cacau (US$/t)



FONTE: UNC.

em relação ao futuro do mercado, merece atenção especial. Segundo alguns analistas, os aumentos das cotações de cacau resultam da combinação de diversos fatores, dentre os quais, vale destacar as crescentes dificuldades de transporte que vêm prejudicando as exportações do cacau de Gana, a suspensão das vendas da Costa do Marfim e, principalmente, a retomada, desta vez com alguma perspectiva de sucesso, das negociações do Acordo Internacional do Cacau.

No dia 30 de junho, diversos países consumidores e produtores de cacau, reunidos em Genebra, aprovaram a aplicação provisória do Acordo, para vigorar a partir de primeiro de agosto próximo. Os grandes ausentes foram a Costa do Marfim e os EUA, respectivamente, maior produtor e maiores consumidores mundiais de cacau. A CEE optou por assinar um anexo ao documento, o qual lhe permite comunicar à ICCO sua adesão ou não ao Acordo até 1º/8/81.

A principal dificuldade para que a CEE confirme sua adesão vem sendo imposta pela Alemanha, que se recusa a ingressar no Pacto sem a presença da Costa do Marfim. Neste sentido, dois movimentos principais estão sendo detectados nos últimos dias. Primeiramente, uma menor resistência por parte da Alemanha, em razão das pressões exercidas pelos demais membros da CEE. Em seguida, o desencadear de intensas gestões diplomáticas destinadas a obter a adesão da Costa do Marfim. Como exemplo, vale citar a expectativa vivida pelo mercado por ocasião da visita do presidente deste país à Europa, quando se esperavam fortes pressões no sentido da adesão do país africano ao Pacto.

No entanto, cabe perguntar em que medida a possível implementação do Acordo Internacional do Cacau resultaria em uma reversão duradoura da atual tendência baixista de preços. As cláusulas econômicas do Acordo estabelecem como limites de intervenção do estoque regulador o intervalo US$ 1,10/lb e US$ 1,50/lb, ou US$ 2.425/t a US$ 3.307/t. Isto significa que os administradores do estoque regulador entrariam como compradores no mercado sempre que os preços do cacau estivessem inferiores a US$ 1,10/lb. Os recursos do estoque giram em torno de US$ 250 milhões, quantia que permitiria a aquisição, aos preços atuais, de 160 mil t. É evidente que, se a disponibilidade internacional de cacau for reduzida em 160 mil t, em um período relativamente curto, as cotações internacionais subirão. No entanto, a médio prazo, a manutenção de preços remuneradores atuará, por certo, no sentido de manter o desequilíbrio entre produção e consumo.

LEITE

O paradoxo do excesso da oferta

A pecuária leiteira nacional atravessa agora mais uma crise. Esta, porém, bem diferente das de anos anteriores, quando já na entrada da entressafra o Brasil contratava importações de leite em pó, para complementar o abastecimento interno, durante o período de estiagem. Este quadro foi uma constante durante a década de 70, pois a produção interna de leite não era suficiente para atender ao consumo durante todo o ano. Como o período de safra não gerava excedentes para a formação de estoques que pudessem ser comercializados na entressafra, recorria-se às compras externas de leite em pó, para reidratação e distribuição no mercado interno. O leite importado, de qualidade inferior, embora comprado a preços muito abaixo do valor pago pelo produto nacional, era ofertado ao mesmo preço do produto produzido no país. O diferencial de preços acabava ficando nas mãos dos importadores e dos industriais. Assim, perdia o país duplamente. De um lado, oferecia à população um leite de má qualidade a preço elevado. De outro, gastava divisas importando um produto que poderia ser produzido internamente se o setor leiteiro fosse incentivado para tal.

Dentro deste contexto, a pecuária leiteira nacional jamais viria a ser uma atividade rentável, pois a inexistência de investimentos no setor visando uma maior racionalidade das formas de exploração, e conseqüentemente uma maior capitalização do produtor, impedia o seu desenvolvimento, resultando assim nas crônicas crises de abastecimento.

Obviamente, além da questão diretamente relacionada com a baixa remuneração do produtor, existem outros fatores característicos da pecuária no Brasil que interferem no abastecimento do mercado leiteiro. A influência do preço relativo carne/leite na oferta de um ou de outro produto, devido à composição do rebanho nacional (grande parte do rebanho é de finalidade mista) e a própria composição da classe produtora, a grande maioria formada de pequenos e médios produtores, são exemplos dessa especificidade da bovinocultura brasileira, que distorcem e influenciam o abastecimento interno. Mas, na impossibilidade de atender aos reclamos generalizados, o governo tem tomado medidas compartimentadas em resposta a pressões setoriais.

Assim, para que o país, este ano, não fosse obrigado a importar novamente grandes quantidades de leite em pó (as importações em 1980 chegaram a 50 mil t), o governo definiu uma série de aumentos percentuais escalonados no preço pago ao produto, que totalizaram 81,2% de incremento durante o 1º semestre de 1981. Através desse estímulo, o governo visava uma maior oferta de leite nos grandes centros urbanos nos meses de entressafra. Coincidentemente, as chuvas, caídas no mês de março nas principais bacias leiteiras do país favoreceram a capacidade de suporte dos pastos, resultando numa produção superior àquela esperada via estímulo de preços. Acrescente-se que, além da maior produtividade alcançada nos meses de abril e maio, o volume de leite entregue às unidades de resfriamento foi influenciado pelo desvio de grandes quantidades do produto anteriormente destinadas às indústrias queijeiras. A sobrecarga nos estoques das indústrias laticinistas e o preço mais remunerador do leite para consumo constituíram as causas básicas da maior entrega de leite às usinas pasteurizadoras.

Logicamente, esse aumento no preço do leite a nível do produtor, seria repassado ao consumidor, uma vez que não se cogitou da utilização de qualquer mecanismo que tornasse o preço final do produto mais barato. Era esperada, desta forma, uma redução de consumo, principalmente nos derivados mais sofisticados, uma vez que eles se tornariam relativamente mais caros que outros gêneros alimentícios, cuja alta nominal de preços tem sido parelha com os reajustes salariais.

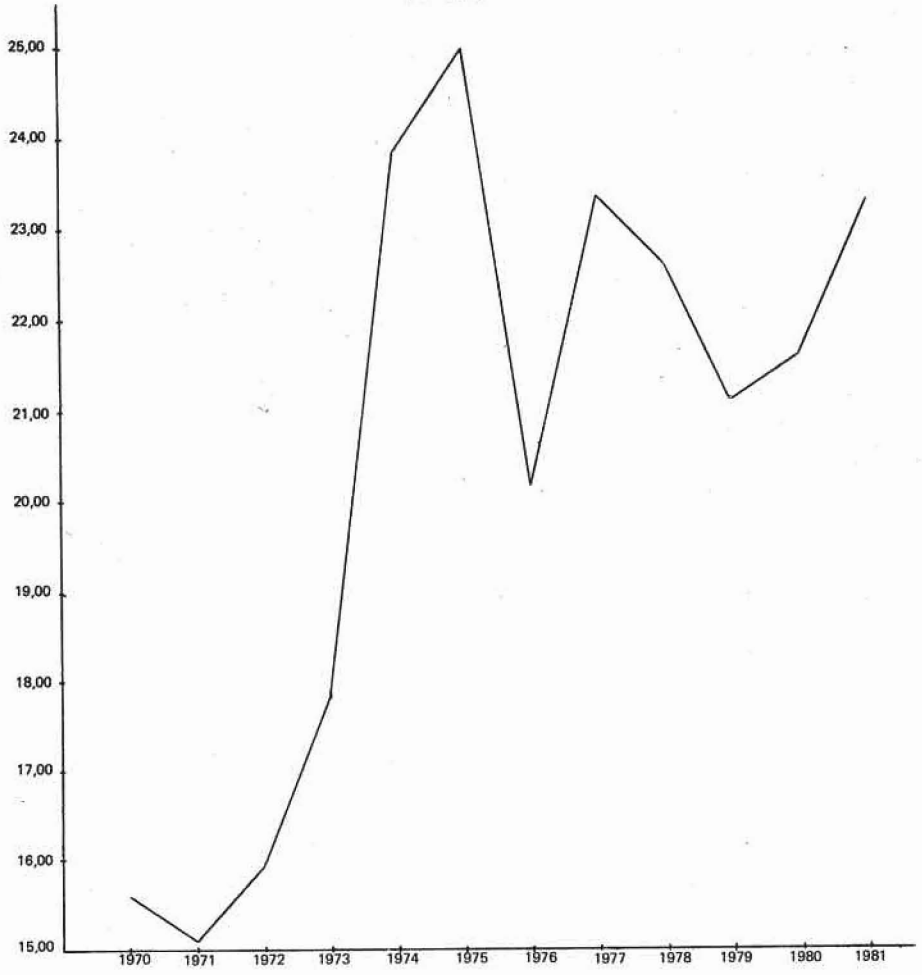
A redução de consumo ocorreu efetivamente em todos os segmentos do setor, isto é, desde o leite pasteurizado até o queijo mais sofisticado. No que tange ao consumo de leite pasteurizado, esta redução reflete as compras menores da população de baixa renda, cujo nível de consumo *per capita* era considerado muito inferior ao recomendado por órgãos internacionais (FAO e OMS).

Em termos reais, o incremento no preço pago ao produtor, entretanto, não alcançou um nível tão elevado. Como pode ser visto no Gráfico 1, o preço médio pago ao produtor no 1º semestre de 1981 situou-se abaixo do preço real praticado em 1975, o maior nível alcançado durante a década de 70. O preço médio real recebido pelo produtor este ano, tende ainda a ser inferior à média do 1º semestre, se considerarmos que um novo aumento só irá acontecer provavelmente na entrada da próxima safra, que se dará no início de novembro próximo. Até lá, o preço pago ao produtor será de Cr$ 29,00 para o leite consumo (leite-cota) e de Cr$ 27,00 para o leite destinado à indústria. Considerando os atuais níveis inflacionários da economia nacional, grande parte do incremento real no preço será corroído pela elevação dos preços dos insumos e da mão-de-obra, principais itens no custo total de produção da pecuária leiteira.

Por sua vez, o governo já financiou a compra de 36,9 mil t de leite em pó, 15 mil t de queijo e 12 mil t de manteiga. Mais recentemente, adquiriu mais 5 mil t de leite em pó

GRÁFICO 1

BRASIL – Preço Real[1] Pago ao Produtor de Leite – Média Anual 1970-81[2] (Cr$/l)



[1] Valor inflacionado pelo IGP (Col. 2) da FGV. Cr$ de maio de 1981.
[2] Média do 1º semestre.
FONTE DOS DADOS BRUTOS: Até 1974 - SUPLAM-MA. De 1974 a 1981 – Ass. Bras. Prod. Leite B.

que deverão atender ao abastecimento do Nordeste. Ainda, dentro da programação governamental, mais 6 mil t de leite em pó deverão ser adquiridas para, através de mecanismos institucionais, serem distribuídas, na entressafra, às populações de baixa renda.

Subsiste, porém, o problema da comercialização dos grandes excedentes de derivados lácteos em poder das indústrias. O mercado interno, devido ao nível proibitivo dos preços, não deverá absorver todos os estoques de queijos, manteiga e leite em pó. A venda para os mercados externos também não parece muito provável, na medida em que os produtos brasileiros não têm um preço competitivo, comparativamente aos praticados no mercado externo pela CEE, Austrália, Nova Zelândia e EUA.

Nos próximos meses, a situação de excesso de oferta deverá experimentar um certo alívio, pois durante a entressafra, a produção de leite a nível de fazenda cai de 25%

QUADRO 1

BRASIL — Comparativo do Desempenho da Produção Brasileira de Leite e dos Principais Tipos de Queijos — 1973/77
(em kg)

Tipos \ Anos	1973	1974	Δ % 74/73	1975	Δ % 75/74	1976	Δ % 76/75	1977	Δ % 77/76
Minas (Frescal)	15.809.965	14.652.621	-7,32	22.276.727	52,00	25.266.681	13,42	22.735.868	10,00
Prato	27.421.203	29.066.881	6,00	34.279.755	17,95	37.776.979	10,20	40.301.824	6,70
Parmesão	10.407.084	11.625.858	11,71	13.250.339	14,00	13.958.716	5,35	11.884.372	-15,22
Mussarela	10.370.085	11.686.220	12,70	15.279.363	30,75	19.841.234	29,85	21.440.803	8,00
Reino	3.463.379	2.161.179	3,13	2.432.096	-10,62	3.257.327	14,20	3.027.410	-7,00
Estepe	2.095.711	2.161.179	3,13	2.432.096	12,53	3.006.928	23,63	2.825.103	-6,00
Fundido	1.633.023	1.505.175	-7,83	2.016.817	34,00	2.498.638	23,90	1.907.915	-23,65
Requeijão	3.262.896	5.717.999	75,25	4.534.440	-20,70	5.310.336	17,00	7.832.605	47,50
Outros	3.852.351	4.578.722	18,85	7.225.506	57,80	8.677.961	20,10	10.522.528	21,25
Total	78.315.697	84.186.207	7,50	104.147.676	23,70	119.594.800	14,85	122.428.428	2,40
Prod. Bras. Leite(1)	7.248.828	7.101.261	-2,00	7.947.378	11,90	8.256,942	3,90	9.565.637	15,85

FONTE DIPOA-MA (para queijos) e FIBGE para o leite.
(1) Produção em 1.000 l.

a 35%, dependendo das condições climáticas vigentes.

Todavia, a solução para a atual crise do setor como um todo dependerá, em última instância, de um acordo entre os segmentos envolvidos. Naturalmente, o governo deverá participar, pois se trata de um produto que compõe a dieta básica do brasileiro. A decisão final, no entanto, não deve reduzir a atual taxa média de ganho do produtor, que vem sendo penalizado durante anos com preços reais inferiores à taxa de inflação (ver Gráfico 1), sob pena de o país continuar dependendo de importações crescentes de leite para atender à população.

Com esse objetivo, parece indispensável a aquisição pelo governo de uma maior quantidade de leite em pó para formação de estoques reguladores. Paralelamente, seriam buscados mercados externos para os derivados mais sofisticados, mesmo que esta alternativa fosse subsidiada. Neste caso, porém, deve ficar explícito o caráter excepcional da medida, pois se esta prática se generalizasse, induziria as indústrias a desviarem quantidades crescentes de leite para a produção dos derivados mais nobres, resultando na diminuição da quantidade ofertada de leite pasteurizado à população. Isto porque o consumo dessa modalidade de leite, apesar de extremamente baixo, vem decrescendo ainda mais nos últimos anos, conforme pode ser visto no Quadro 1, onde aparece a produção brasileira de leite *in natura* e de queijos. Os dados do quadro mencionado revelam um crescimento desproporcional da produção de queijos (12,11% a.a. no período 1973/77) em relação a do leite *in natura* (7,4%), comprovando que a oferta de leite pasteurizado *per capita* poderia ter sido maior, caso o ritmo do crescimento industrial fosse equivalente. É oportuno, contudo, esclarecer que a taxa média de crescimento da produção nacional de leite nesse período foi a maior de toda a década, pois corresponde aos anos de melhor remuneração ao produtor.

Além dessas medidas, cogita-se de fomentar o consumo do leite no país através de campanhas promocionais dirigidas. É pertinente lembrar, contudo, que essas campanhas para serem bem-sucedidas devem basear-se numa melhoria da qualidade do leite distribuído internamente. Embora se reconheça que a causa principal da queda do consumo do leite seja o baixo poder aquisitivo da população, não é de todo descabido imputar uma parcela de culpa à deterioração da qualidade do leite nos últimos anos. Recentemente, as análises de sanidade do leite pasteurizado, realizadas em São Paulo, condenaram quase todas as marcas industriais que atendem ao mercado. É pertinente lembrar também que a longa seqüência de anos, em que se serviu à população um leite reidratado de má qualidade, deve ter contribuído para desestimular o hábito do consumo diário desse alimento, universalmente consagrado. Se a esse fato, acrescentar-se que o mesmo tem ocorrido com relação à qualidade do café distribuído internamente, chegar-se-á à conclusão de que se não houver intensificação da fiscalização dos alimentos, o segmento jovem da população (a quem a campanha deverá visar) jamais adquirirá o hábito de consumir a mistura, até então tradicional,do café com leite.

SOJA

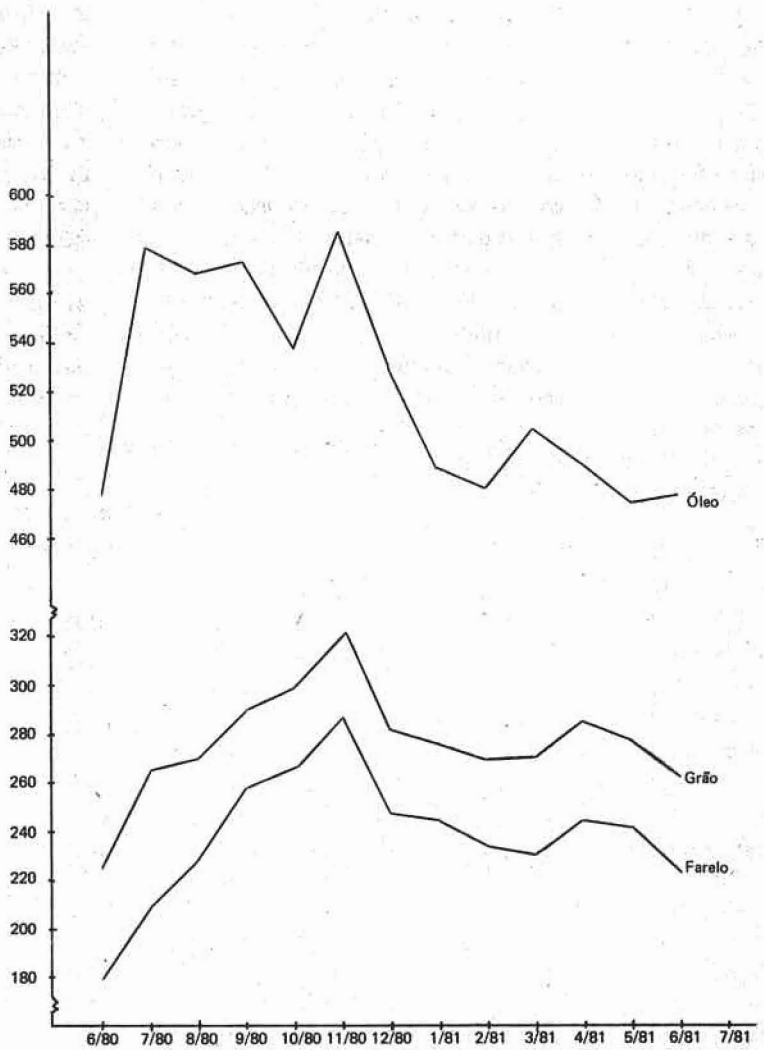
Exportações: aumentam as brasileiras e caem as norte-americanas

A demanda internacional por soja para transformação em proteína animal tem evoluído lentamente nos últimos meses, desde o final de 1980. Tal situação decorre de um conjunto de fatores, dentre os quais se destaca uma menor rentabilidade no setor de carnes, principalmente na Europa Ocidental e nos EUA, numa conjuntura de desaceleração da atividade econômica, nestes mercados. Além disso, a firmeza do dólar norte-americano, desde fins de 1980, frente às principais moedas européias, tornou o produto cotado naquela moeda mais caro para os consumidores da CEE.

A situação do mercado neste período pode ser vista no Gráfico 1, que apresenta as cotações médias mensais do complexo soja, de junho de 1980 a junho de 1981. Pode-se observar uma escalada de preços nos seis primeiros meses — resultado da

GRÁFICO 1

MERCADO INTERNACIONAL: Evolução das Cotações do Complexo Soja na Bolsa de Chicago – junho de 1980 a junho de 1981 – US$/t



FONTE: UNICOM.

frustração da safra norte-americana – e, a partir daí, uma persistente queda nas cotações, até o final do primeiro semestre de 1981. Essa queda, que se processou em ritmo semelhante para o grão e para o farelo, tem como explicação o recuo na demanda global por farelos proteínicos, assinalado anteriormente.

Assim sendo, as exportações dos EUA de soja em grão e de farelo se reduziram, respectivamente, 18% e 6%, nos oito primeiros meses do ano comercial internacional 1980/81 (iniciado em outubro), em relação ao período anterior. No caso do óleo de soja, a queda da demanda, que se refletiu na redução das exportações norte-americanas, foi mais acentuada, acarretando o crescimento dos estoques naquele país, que passaram a pressionar ainda mais as cotações.

O Quadro 1 é elucidativo desta situação. Nele estão registradas as exportações mensais de óleo de soja, por parte dos EUA, e os estoques deste derivado naquele país, ao final de cada mês, desde outubro de 1979, até abril de 1981. Verifica-se, então, que, já a partir de outubro de 1980, os estoques começaram a aumentar consideravelmente, passando de 549 mil t, em setembro daquele ano, para 961 mil t, em abril de 1981. Isto significa um acréscimo, ao longo da atual temporada, de 75%. Além disso, as exportações, que foram de 756 mil t, no período de outubro de 1979 a abril de 1980, reduziram-se a apenas 401 mil t, no mesmo período do ano comercial seguinte (outubro de 1980 a abril de 1981).

Deste modo, o bom desempenho das exportações brasileiras do complexo soja, de janeiro a maio de 1981, apresentado no Quadro 2, é, num certo sentido, um fato inusitado. Isto porque, enquanto as exportações norte-americanas de grão, farelo e óleo apresentaram uma queda acentuada em relação ao ano anterior, o Brasil vem conseguindo obter uma boa performance em suas vendas externas. A principal causa deste desempenho encontra-se no embargo de cereais à URSS, decretado pelo governo norte-americano, que obrigou os soviéticos a diversificarem suas fontes de fornecimento de grãos.

Assim, só nos cinco primeiros meses de 1981, a URSS adquiriu 221 mil t de soja brasileira. Se não fossem computadas essas compras, ver-se-ia que as exportações brasileiras do produto *in natura* teriam tido um comportamento bastante diferente, ou seja, na verdade, cairiam 45%, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Além disso, registrou-se um aumento considerável das exportações brasileiras para países do Leste Europeu (+75%) e para outros mercados não tradicionais, como a Tunísia, o Irã (grande comprador de produtos brasileiros, a partir do ano passado) ou a Indonésia, enquanto as compras da Comunidade Econômica Européia, por exemplo, se reduziram em 6%.

No caso do óleo, destacam-se as exportações brasileiras para a Índia, que representaram 59% do total das vendas do país, nos cinco primeiros meses de 1981.

QUADRO 1 *EUA – Exportações e Estoques Mensais de Óleo de Soja 1979/80 - 1980/81 (em 1.000 t)*

	Exportações		Estoques	
	1979/80	1980/81	1979/80	1980/81
Outubro	61	54	372	623
Novembro	99	43	393	761
Dezembro	120	59	467	788
Janeiro	82	54	524	862
Fevereiro	117	55	546	897
Março	151	96	533	918
Abril	126	41	537	961
Maio	152		519	
Junho	92		556	
Julho	56		592	
Agosto	82		573	
Setembro	83		549	

FONTE: Oil World.

A expansão da vendas brasileiras de soja em grão, farelo e óleo, num período de retração do mercado internacional, é um fato importante. É mister atentar para a necessidade de manutenção — e a possibilidade de ampliação —, dos mercados recém-conquistados.

Do exposto, depreende-se a necessidade de se fazer uma distinção entre os mercados de grão e de farelo, por um lado, e de óleo, por outro. As compras de grão para esmagamento, ou, diretamente, do farelo de soja, são efetuadas por países que, por estarem desenvolvendo modernos sistemas de criação, precisam de rações de elevado teor proteínico. Uma vez instalados estes sistemas, há a necessidade contínua dos suprimentos de rações, para a alimentação dos rebanhos e sua transformação em proteína animal. Assim, no caso da União Soviética, dos países do Leste Europeu e, mesmo, de algumas regiões do Terceiro Mundo, que começam a *modernizar* seus processos de criação animal, a consolidação das parcelas de mercado conquistadas pelo Brasil é tarefa relativamente fácil.

O mercado de óleo, entretanto, é muito mais instável. Isto porque os compradores são principalmente os países do Terceiro Mundo, com dificuldades de produção interna de gorduras. Assim sendo, grandes flutuações nas aquisições de óleos vegetais são um fato comum no mercado, pois a demanda pelo óleo é função de uma eventual escassez interna e, mesmo, da disponibilidade de divisas dos países consumidores, a cada ano.

QUADRO 2

BRASIL — Complexo Soja: Exportações
(em 1.000 t)

Países/Mercados	Janeiro a Maio 1981	Janeiro a Maio 1980
GRÃO		
CEE	42	168
Espanha	36	97
URSS	221	nd
Outros	77	19
TOTAL	376	284
FARELO		
CEE	1.687	1.790
Europa Oriental*	497	284
URSS	277	—
Filipinas	83	47
Indonésia	46	8
Irã	63	31
Tunísia	58	25
Outros	128	309
TOTAL	2.839	2.494
ÓLEO		
Índia	279	20
Irã	38	84
Paquistão	37	15
URSS	58	31
Outros	57	41
TOTAL	469	191

* Hungria, Iugoslávia, Polônia e Tchecoslováquia.
nd — não divulgado.
FONTES: Cacex, Safras e Mercado.

PANORAMA AGROPECUÁRIO

PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

GUIA DE LEITURA (posições nominais)
1 – Posição da última semana do mês
2 – Posição da última quinzena do mês
3 – Posição do mês anterior
4 – Posição um ano antes
5 – Comportamento dos Futuros
6 – Fatores ponderáveis e perspectivas dos próximos 30 dias

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Futuros 1981 J	A	S	O	N	D	1982 J	F	M	A	M	J	Tendência	Fatores Ponderáveis
AÇÚCAR RAW MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso Fonte: Unicom	34,47	16,36	15,76	15,77	16,45		16,68	16,76			16,91		17,16		17,31			Compras volumosas da Índia e da Venezuela contrabalançam o efeito baixista da última estimativa de estoques finais para o período 1980/81, previstos em 23,55 milhões de t pela corretora F. O. Licht.
ALGODÃO 1-1/16" M-Memphis MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso Fonte: Unicom	73,06	79,22	78,76	78,53	83,43	81,11		78,63		78,44			79,77	81,19				Expectativa de queda na taxa de juros americana deverá resultar numa ligeira recuperação do mercado. Última estimativa da safra americana revelou redução de 1%.
CACAU BAHIA MERC.–N.Y. US$/tonelada Fonte: Unicom	2395,07	1450,76	1439,40	1450,20	1450,76		1530,52			1636,61			1717,19		1771,33			Perspectivas de renovação do Acordo Internacional e problemas de escoamento do cacau de Gana, entre outros fatores, deverão influenciar positivamente as cotações no curto prazo.
CAFÉ SANTOS MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso Fonte: Unicom	193,25	102,13	90,37	87,90	102,13		98,61			96,16			94,76		95,55			OIC autorizou 4º corte de cotas, que será aplicado no trimestre julho-setembro, juntamente com o 3º corte autorizado no início de junho, significando uma redução na disponibilidade de 2,8 milhões de sacas.

NOTA: Spot de Cacau e Café suspenso. As posições da Última Semana, Última Quinzena e do Mês Anterior referem-se a futuro 1ª entrega.

Agroanalysis, 5(7): 29-34, julho/1981

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudanças, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Futuros 1981 J	A	S	O	N	D	1982 J	F	M	A	M	J	Tendência	Fatores Ponderáveis
MILHO TWO YELLOW MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	266,14	340,48	338,70	337,75	341,00		348,18			372,13			385,81		393,13		➘	Firmeza do dólar, competição mais acirrada no mercado internacional e grande safra norte-americana deverão manter deprimidas as cotações.
SOJA - GRÃO ONE YELLOW MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	613,75	709,46	694,93	686,93	720,89	727,58	733,04		748,39	766,63			749,97	764,64			➡	Redução na área plantada dos EUA. Fraqueza na demanda por parte da Europa Ocidental.
SOJA FARELO MERC.–CHIC. US$/tonelada Fonte: Unicom	162,63	201,04	195,59	192,10	206,21	208,34	210,70	212,37	218,10	220,90			227,79		231,08		➡	Aumento das exportações brasileiras, principalmente, para URSS e países da Europa Oriental compensam, em parte, a redução nas vendas norte-americanas.
TRIGO SOFT RED MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	396,69	360,73	352,97	348,81	395,88		414,36			439,50			460,94		471,22		➘	Intensificação da colheita dos EUA e estoques, naquele país, 10% superiores aos de 1980 vêm pressionando as cotações do produto.

PREÇOS NO MERCADO INTERNO

GUIA DE LEITURA (posições nominais)
1 – Posição da última semana do mês
2 – Posição da última quinzena do mês
3 – Posição do mês anterior
4 – Posição um ano antes
5 – Fatores ponderáveis e perspectivas dos próximos 30 dias

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Tendência	Fatores Ponderáveis
ALGODÃO Tipo 6–Sul do BR MERC. – SP Cr$/15 kg Fonte: Bolsa de Mercadorias de SP	2390,87	1697,57	1631,40	1610,00	↘	VBC fixado para a próxima safra meridional e preço mínimo para a safra nordestina deverão resultar numa pequena elevação nos preços.
ARROZ Amarelão - Est. Cen. MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	2825,65	1970,23	1950,00	1950,00	→	Elevada posição dos estoques governamentais garante que os preços permanecerão baixos.
CAFÉ Tipo 7/8 MERC. – RJ Cr$/sc. 60 kg Fonte: Cent. do Com. de Café do RJ	10557,40	5600,00	5600,00	5600,00	→	Mercado permanece literalmente parado à espera da divulgação do plano de safra 1981/82.
BOI GORDO – MERC. – Pres. Prud. Cr$/arroba Fonte: IEA-SP	2546,20	1669,04	1790,00	1700,00	↘	Pastos afetados por geadas recentes deverão reduzir as ofertas do boi gordo.

Corrigidos pelo IGP, col. 2 – Conjuntura Econômica-FGV.
NOTA: Cotações de Algodão correspondem a 1º Futuro.

Agroanalysis, 5(7): 29-34, julho/1981

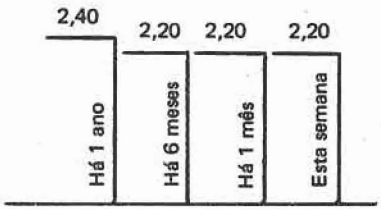
As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza sujetiva, sujeitas a mudanças, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Tendência	Fatores Ponderáveis
FEIJÃO Carioquinha Especial MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	4872,43	4990,47	4825,00	4800,00	↘	– Aproxima-se o fim da colheita da safra da seca. – Safra de inverno ainda incerta.
FRANGO Vivo MERC. – SP Cr$/kg Fonte: APA	66,03	59,50	59,50	59,50	↘	Retração da oferta começa a ser sentida, criando a perspectiva de diminuição dos prejuízos do setor.
MILHO Amarelo Semiduro MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	763,34	693,57	687,50	690,00	→	Contração dos setores de aves e suínos continua a manter frouxa a comercialização.
SOJA - GRÃO Industrial MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	1192,10	1131,42	1129,00	1126,00	→	Prorrogação do vencimento dos contratos de custeio, representa fator altista. Fracas cotações nos mercados externos, pressionando para baixo os preços internos.

Corrigidos pelo IGP, col. 2 – Conjuntura Econômica-FGV.

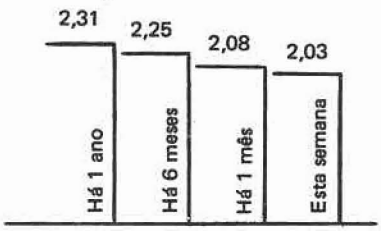
PREÇOS RELATIVOS – MERCADO EXTERNO

Algodão
Soja



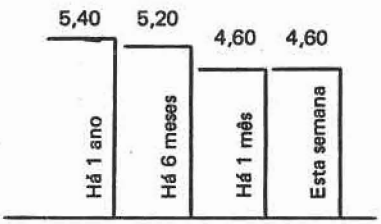
Inalterada não só em relação ao preço relativo de há um mês como também em comparação com o de 6 meses antes, a relação algodão/soja desta semana é reflexo não só da já mencionada queda do preço da soja como da relativa estabilidade que vem apresentando a cotação do algodão no mercado internacional nos últimos 30 dias: no mercado da fibra, associa-se, ao fraco desempenho das exportações americanas, uma expectativa de recuperação na indústria têxtil daquele país no segundo semestre do corrente ano, além de se crer que a demanda de têxteis por parte da China venha a aumentar.

Soja
Milho



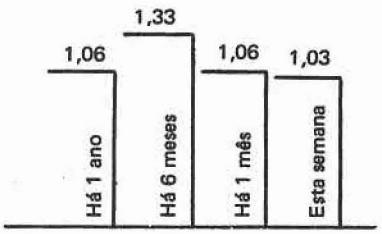
A notícia de que a safra norte-americana de milho 1981/82 poderá ser 12,8% superior à precedente, aliada a uma perspectiva de que mantenham-se inalterados tanto o consumo interno quanto as exportações daquele país, respondem pela ligeira queda (0,8%) experimentada pela cotação do cereal na Bolsa de Chicago esta semana frente à de um mês antes. Já a diminuição apresentada pela cotação da soja no período (3,2%) deu-se em conseqüência da fraca demanda pelo produto norte-americano, principalmente na Europa Ocidental. Desta forma, o preço relativo soja/milho desta semana, conquanto 9,8% inferior ao de há 6 meses, apresenta valor bastante próximo daquele de um mês antes.

Algodão
Milho



Os fatores acima expostos, no caso dos mercados de algodão e de milho, respondem pela manutenção, esta semana, do mesmo preço relativo observado há um mês. No entanto, o atual valor, em cotejo com o de há 6 meses, é 11,5% inferior, devido, sobretudo, à rápida desvalorização que se observou, neste período, na cotação do algodão.

Trigo
Milho

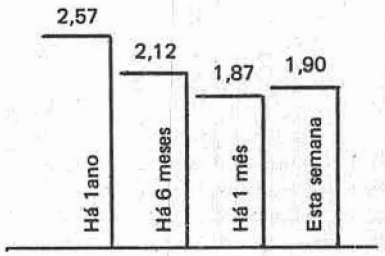


Situação semelhante ocorre no caso do preço relativo trigo/milho, já que também o trigo vem sofrendo pressão baixista sobre sua cotação: a intensificação da colheita deste cereal nos EUA e os estoques 10% superiores aos de 1980 naquele país respondem pela redução de 3,3% do seu preço esta semana frente ao de um mês antes. Observe-se, no entanto, que o atual preço relativo trigo/milho encontra-se em patamar 22,6% inferior ao de 6 meses antes.

FONTES: Algodão: Unicom, Cotton World Statistics. Soja, Milho e Trigo: Unicom, Commodity Year Book.

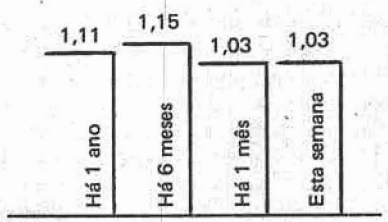
PREÇOS RELATIVOS – MERCADO INTERNO

Boi Gordo / Frango Vivo



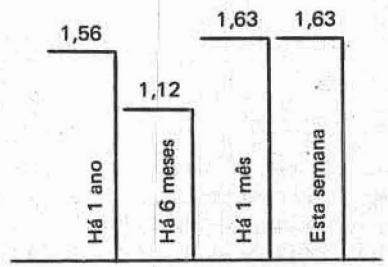
Esta semana, a relação de preços boi gordo/frango vivo encontra-se praticamente inalterada em relação àquela de um mês antes, o que reflete a constância das cotações de ambos os produtos neste espaço de tempo. Do lado da bovinocultura, tal fato deve-se ao momento baixista do ciclo pecuário nacional, que vem mantendo sob pressão as cotações da arroba do boi gordo. Esta fase de baixa vem afetando, também, o mercado de carne avícola, cujo comportamento depende muito da evolução dos preços da carne bovina que goza da preferência dos consumidores.

Frango Vivo / Ração Ave Corte



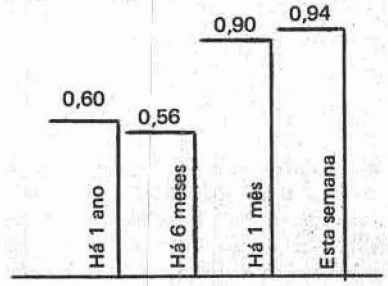
Também a relação frango vivo/ração desta semana é a mesma de há um mês: a desativação de granjas, neste momento de crise pelo qual passa o setor avícola, ou a diminuição da produção, respondem pela menor demanda por rações, cujos preços vêm-se mantendo estacionados. Observe-se que a relação de preços desta semana é 10,4% inferior à de 6 meses antes, o que indica um agravamento dos problemas sentidos pela avicultura nacional.

Soja / Milho



A cotação da soja da última semana mostra-se inalterada em relação à de um mês antes, em função dos baixos preços que o produto vem experimentando no mercado externo. Com relação ao milho, seus preços também vêm sendo pressionados, principalmente devido à retração da demanda interna do setor de animais de pequeno e médio portes. Desta forma, o preço relativo soja/milho desta semana apresenta o mesmo valor de um mês antes, o que significa um ganho de 45,5% em comparação com a relação de 6 meses atrás.

Feijão Preto / Feijão Carioquinha



Ineditamente, a cotação do feijão preto na Bolsa de Cereais de São Paulo vem-se aproximando da cotação do feijão carioquinha, devido à oferta cada vez menor daquela variedade. Desta forma, o preço relativo destes dois produtos esta semana aproxima-se da unidade, enquanto que há 6 meses e há 1 ano, esta relação de preços ainda denotava nítida vantagem para o feijão de cores.

FONTES: Boi Gordo: IEA-Sec. Agric. SP. Frango Vivo e Ração Ave Corte: IEA-Sec. Agr. SP e APA. Feijão Preto, Feijão Carioquinha, Soja e Milho: Bolsa de Cereais de SP.

Impresso na

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRAFICAS
RUA RIACHUELO, 128 TEL. 222-3359

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativos e social e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Sede: Praia de Botafogo, 190 – Caixa Postal: 9.052 – ZC–02
Tel.: 551-1542
CEP: 22.250 – Rio de Janeiro – RJ

Presidente: Luiz Simões Lopes
Superintendente Geral: Roberto Hermeto Corrêa da Costa

CONSELHO DIRETOR
Presidente: Luiz Simões Lopes
Vice-Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Membros: Alberto Sá Souza de Brito Pereira, Carlos Medeiros Silva, Eugenio Gudin, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, José Joaquim de Sá Freire Alvim e Octávio Gouvêa de Bulhões

CONSELHO CURADOR
Presidente: Alberto Pires Amarante
Vice-Presidente: João Carlos Vital
Membros: Aldo Batista Franco, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Antônio Garcia de Miranda Neto, Antônio Ribeiro França Filho, Apolônio Jorge de Faria Salles, Celso Timponi, Cezar Reis de Cantanhede e Almeida, Estado de São Paulo, Francisco Montojos, Heitor Campello Duarte, Henrique Domingos Ribeiro Barbosa, Instituto de Resseguros do Brasil, José de Nazaré Teixeira Dias, Embaixador Manoel Pio Corrêa Jr., Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira, Paulo de Tarso Leal, Rafael da Silva Xavier, Rubens d'Almada Horta Pôrto, Theodoro Arthou.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

COMISSÃO DIRETORA
Presidente: Octávio Gouvêa de Bulhões
Vice-Presidente: Mario Henrique Simonsen
Membros: Eugenio Gudin, Janes Angelo de Souza, Julian Magalhães Chacel e Mario Henrique Simonsen
Assessor de Direção: Jorge Kingston

DEPARTAMENTO DE ENSINO:
Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia: Mario Henrique Simonsen

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS:
Diretor: Julian Magalhães Chacel

Divisão de Contabilidade Social:
Diretor: Angelo Jorge de Souza
Centro de Contas Nacionais: Ralph Miguel Zerkowski
Centro de Estudos Fiscais: Margaret Hanson Costa
Centro de Estudos Industriais: Eden Gonçalves de Oliveira

Divisão de Estatística e Econometria:
Diretor: Janes Angelo de Souza
Centro de Estudos Agrícolas: Sylvio Wanick Ribeiro
Centro de Estatística Econômica: Roberto Maia de C. Abib
Centro de Processamento de Dados – Eugênio Decourt
Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional – Antônio Carlos Lemgruber

Não sendo encontrado o destinatário, devolver ao
GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRICOLA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
Av. Gomes Freire, 647 – 10º andar
ZC-58 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL